Revista de Biblioteconomia de Brasília, v. 21, n.2, p. 201-210, jul./dez. 1997

Resumos documentários : uma proposta metodológica

Nair Yumiko Kobashi

Proposta de elaboração de resumos documentários fundada em teorias sobre o processamento cognitivo de textos e na Lingüística Textual. O presente trabalho tem dupla pretensão: a) refletir sobre a natureza da condensação de textos e sua representação; b) sistematizar um conjunto de princípios e de procedimentos de elaboração de resumos que possa ser utilizado por documentalistas, editores e demais profissionais da informação que atuam nas várias esferas das atividades relacionadas ao tratamento e transferência de informações.

Palavras-chave: Resumos documentários. Condensação de textos. Análise documentária.

1 INTRODUÇÃO

A elaboração de resumos está presente de forma generalizada em inúmeros campos das atividades humanas relacionadas ao tratamento e transferência de informações, como na documentação, no jornalismo, na editoração e, inclusive, na esfera do ensino e da formação. No entanto, os processos a ela relacionados são ainda pouco conhecidos, em face da dificuldade de criar modelos aptos a dar conta, simultaneamente, dos aspectos lingüísticos, cognitivos, formais, lógicos e pragmáticos do ato de condensar informação textual.

De um modo geral, concebe-se a elaboração de resumos como uma operação que consiste em tratar textos: seleciona-se dos mesmos as informações consideradas essenciais, tendo em vista a produção de um novo texto condensado, para um interlocutor determinado. Trata-se, portanto, de um ato cognitivo com finalidades comunicativas que supõe:

a) compreender e selecionar conteúdos informacionais de natureza textual;

b) escolher formas de expressão específicas para representá-los.

A **seleção** de informações é, nesse sentido, uma das operações centrais dos processos que visam a obter representações condensadas. Seu fundamento repousa na distinção entre **informação essencial** e **informação acessória** do texto de partida. Não se trata, portanto, de excluir mecanicamente certas partes do texto, mantendo outros. A seleção pressupõe a atribuição de valor ao conjunto de informações do texto, respeitando-se a hierarquia estabelecida pelo próprio autor (Flottum, 1991). Assim, o resumo é um produto que mantém com o texto uma relação de similaridade, por ser obtido simultaneamente pela supressão da redundância e manutenção da densidade informacional do texto (Le Roux, 1990).

A idéia de seleção, com base na hierarquização, é igualmente proposta por Fayol que caracteriza o resumo como um “caso particular de paráfrase seletiva que consiste em:

1) extrair de um texto informações julgadas essenciais;

2) (re)formular essas informações de modo a chegar a um novo texto coerente e coesivo” (Fayol, 1991, p.163).

Observa-se aqui que, no ato de resumir, a noção de texto é fundamental. Deve-se reconhecer, contudo, que as diversas normas e diretrizes (ISO 214; ISO 5966; INIS (1971) e ABNT (1980), entre outras), não contemplam tal noção de modo suficiente. A característica mais marcante das referidas regras é o fato de abordarem os mecanismos de combinação de informações: tamanho do resumo, número de palavras, estilo de redação, tipos de resumos (Indicativo ou Informativo) sem, no entanto, explicitar os mecanismos de seleção de dados.

Sob esse ângulo, pode-se afirmar que a heterogeneidade dos resumos documentários utilizados nos sistemas informacionais reflete a precariedade dos padrões utilizados em sua elaboração. Em tais sistemas, os resumos raramente apresentam as propriedades necessárias para operarem de forma efetiva e útil na circulação de informações. Pode-se afirmar que os resumos elaborados com base nas regras tradicionais são "o produto de um impulso, não de uma intenção" (Barthes, 1971, p. 20).

As questões que serão apresentadas a seguir pretendem contribuir para a melhor compreensão e operacionalização dos processos relacionados à condensação de informações textuais. Primeiramente, serão tratados aspectos conceituais relativos ao texto e, em seguida, será apresentada uma proposta metodológica de elaboração de resumos documentários que contempla a análise de textos, a coleta de dados, sua organização e sua combinação**.**

2 AS NOÇÕES DE TEXTO, SUPERESTURTURA E TIPOLOGIA DE TEXTOS

O texto, em sentido amplo, designa uma unidade de comunicação organizada sintagmaticamente e dotada de coesão e coerência. Há diversas tentativas de classificar os textos dentro de tipologias: pela estrutura interna (descritivo, narrativo, dissertativo) ou pela finalidade a que se propõem (texto técnico, científico, didático, jornalístico, jurídico, político, etc.).

Os primeiros estudos sistemáticos sobre os "gêneros" textuais e as "partes do discurso", são atribuídos a Aristóteles. Suas idéias, apresentadas no âmbito da Retórica, fundamentam, ainda hoje, as modernas teorias sobre a persuasão (Citelli, 1989; Okasabe, 1979).

A Retórica, para Aristóteles, não se reduz a um conjunto de normas ou à oratória, mas ao esforço de "descobrir especulativamente em qualquer dado, o persuasivo" (Aristóteles, *apud* Okasabe, 1979, p. 142). E acrescenta: "Não há senão duas partes no discurso, pois é necessário dizer qual é o tema e demonstrá-lo... Dessas duas partes, uma é a proposição; a outra, a confirmação. Como se tratasse de um lado, do problema e, do outro, da demonstração" (Aristóteles, *apud* Okasabe, 1979, p.156).

Os textos elaborados no âmbito das atividades científicas não escapam a essa caracterização geral. Contudo, a esse esquema genérico - problema/demonstração - pode-se agregar outros constituintes, que determinam a existência de diferentes tipos de textos. Serão analisados aqui apenas 3 variantes de textos argumentativos, a partir de sua estrutura: o texto canônico das ciências experimentais, o texto dissertativo e o texto expositivo.

2.1 O texto canônico das ciências experimentais

São textos de natureza argumentativa, elaborados com o intuito de expor metodicamente os resultados da observação de um fenômeno. Para Gardin, "a expressão concreta de um raciocínio científico é o texto científico, no qual o autor expõe as operações do espírito que o conduziram da observação de certos fatos empíricos ao enunciado de proposições denominadas de forma diversa: teses, hipóteses, interpretações, comentários, conclusões, explicações, etc..." (Gardin, 1987, p. 4). É no interior da atividade de conhecer, portanto, que se define o texto científico: uma unidade de comunicação do saber, dotado de certos elementos estruturais - ou superestruturais, na terminologia de Van Djik e Kintsch (1983): o Tema, o Problema, a Hipótese, a Metodologia, os Resultados e a Conclusão (Asti-Vera, 1979, Bunge, 1973).

O Tema pode ser caracterizado como o assunto que se deseja desenvolver, enquanto o Problema, segundo Asti Vera, "é uma dificuldade, ainda sem solução, que é mister determinar com precisão, para intentar, em seguida, seu exame, avaliação crítica e solução (Asti Vera, 1979, p. 97). O Tema é algo mais abrangente, enquanto a formulação do Problema diz respeito à dificuldade

específica que se pretende enfrentar cientificamente. A formulação do problema, portanto, deve ser feita de forma explícita, de modo a delimitar inequivocamente a indagação para a qual se pretende oferecer alguma resposta.

A **Hipótese é** um enunciado geral de relações entre fatos, formulado como solução provisória para um determinado problema. A hipótese apresenta caráter explicativo ou preditivo, devendo ser compatível com o conhecimento científico e passível de ser verificado. A hipótese é, desse modo, uma **conjetura**, uma proposição que se antecipa à comprovação.

A **Metodologia,** compreende dois aspectos indissociáveis: o primeiro, de natureza lógica, diz respeito aos procedimentos e operações que possibilitam a observação racional e controlada dos fatos, de modo a permitir a interpretação e a explicação adequada dos fenômenos observados. A metodologia é, desse modo, um conjunto de princípios e de operações que fundamenta a coleta de dados, sua análise e interpretação. O segundo aspecto, de natureza técnica, diz respeito ao instrumental metodológico e ao arsenal técnico que indica a melhor maneira de se operar em cada caso. Relaciona-se, portanto, aos processos de manipulação (medidas, cálculos) dos fenômenos que se pretende estudar (Lakatos, 1982).

A categoria **Resultados** é a **síntese** e a **interpretação** dos fatos observados que determinam a aceitação ou rejeição das hipóteses formuladas. É na **Conclusão**, caracterizável como um **comentário final**, que se discute as possibilidades de aplicação e de utilização dos resultados, isto é, a incorporação ou não destes últimos a um sistema teórico. Apresentaremos, a seguir, a organização básica do tipo de texto em discussão, que passaremos a designar de Tipo 1. A primeira coluna do quadro relaciona as categorias textuais e, a segunda, descreve a natureza de cada uma delas. Esse mesmo formato será utilizado para esquematizar os demais tipos de textos aqui considerados.

Problema	Indagação
Hipótese	Conjetura
Metodologia	Observação
Resultado	Interpretação
Conclusão	Comenário final

TEXTO TIPO 1

2.2 O texto dissertativo

O texto argumentivo ou dissertativo é também uma forma recorrentemente utilizada no âmbito da atividade científica. Já definido por Aristóteles como sendo aquele que tem duas partes, uma “tese” e a “comprovação da tese”, o texto dissertativo apresenta os seguintes constituintes básicos: tese, argumentos, conclusão (Cintra, 1987, p. 31). A **Tese** caracteriza-se como a apresentação de um ponto de vista; os **Argumentos**, são as provas que qualificam positivamente o ponto de vista do autor e, simultaneamente, desqualificam um ponto de vista contrário; a **Conclusão**, por fim, confirma o ponto de vista inicialmente apresentado. O quadro apresentado, a seguir, sintetiza a superestrutura do texto dissertativo, designado neste trabalho por Tipo 2:

Tese	Ponto de vista
Argumentos	Provas
Conclusão	Confirmação

TEXTO TIPO 2

2.3 O texto expositivo

O trabalho pioneiro sobre o texto expositivo, segundo Ducrot e Todorov (1972, p. 36), é de autoria de Becker. Segundo o referido autor, o texto expositivo apresenta as categorias Problema-Solução como seus constituintes básicos. Erlich e Tardieu (1991, p. 185-186) citam, por sua vez, o estudo de Meyer, de 1985, que também denomina de expositivos os textos com a estrutura Problema-Solução. Para nossos objetivos, o texto expositivo (denominado de Tipo 3, neste trabalho), poderá ser melhor descrito como uma estrutura constituída de três categorias: a) apresentação do **problema**; b) **causas e conseqüências do problema** e c) **solução** do problema. Em esquema:

Problema	Questão
Causas	Razões
Solução	Resposta

TEXTO TIPO 3

Apresentados os tipos de textos, passaremos a operar com os mesmos. Antes, porém, serão feitas algumas observações suplementares. O **problema** e a **hipótese,** categorias típicas do texto do Tipo 1, são normalmente formulados com base em uma teoria. Esta última opera como um sistema de conceptualização e de classificação dos fatos que justificam o problema e a hipótese. Desse modo, fatos e relações já conhecidos autorizam a apresentação de novos fatos ou de novas relações entre os fatos. A teoria opera como um quadro que contextualiza e justifica a pesquisa que se quer empreender (Bunge, 1973). A categoria Tese, do texto de Tipo 2, e a categoria Problema, do texto de Tipo 3, são formulados de modo análogo às categorias Problema e Hipótese do texto do Tipo 1.

Outros paralelismos podem ser observados, os quais se explicam, basicamente, pela existência de equivalências funcionais entre as categorias constitutivas dos textos analisados. Desse modo:

a) as categorias /Problema e Hipótese/Tese/Problema/ cumprem funções análogas: a de apresentar e delimitar a questão a ser discutida no texto;

b) as categorias /Metodologia e Resultados/ Argumentos/ Causas/ cumprem a função de apresentar dados que possam comprovar ou refutar a Hipótese, a Tese, ou a natureza do Problema. Em síntese, as proposições identificadas no interior dessas categorias têm a função genérica de “argumentos” que sustentam um ponto de vista. As categorias Conclusão/Conclusão/Solução/ dispensam discussão, por serem evidentes por si mesmas.

Os paralelismos, acima apresentados, podem ser esquematizados do seguinte modo:

Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3
Tema	Tema	Tema
Problema Hipótese	Tese	Problema
Metodologia Resultados	Argumento	Causas
Conclusão	Conclusão	Solução

Quadro de equivalências entre categorais

3 METODOLOGIA DE ELABORAÇÃO DE RESUMOS

A elaboração de resumos, como já foi dito anteriormente, supõe a compreensão de textos e a seleção de informações com base na hierarquização. No modelo de Van Dijk e Kintsch (1983), a superestrutura é um elemento fundamental para a compreensão dos textos porque: a) ele tem caráter convencional, sendo conhecido e reconhecido por uma comunidade lingüística; b) a superestrutura configura-se como um esquema abstrato que estabelece a ordem global de um texto e se compõe de uma série de categorias, cujas possibilidades de combinação se baseiam em regras convencionais. O domínio das superestruturas permite um processamento *top-down* potente, porque a leitura faz-se a partir de hipóteses e não pela construção do sentido através de processamento *bottom-up* (Van Dijk, 1992).

Alguns estudos já demonstraram que os bons leitores reconhecem as superestruturas textuais e tiram proveito das mesmas para compreender textos. Tais estudos demonstraram, também, que se pode ensinar os indivíduos a identificar e utilizar com sucesso as superestruturas (Meyer, *apud* Erlich e Tardieu, 1991, p.186).

Os procedimentos de elaboração de resumos propostos a seguir, estão fincados no princípio elementar de que a seleção de dados deve ser antecedida pela compreensão do texto e identificação e hierarquização de informações textuais, segundo o produto documentário a ser obtido: resumos informativos e resumos indicativos, em nosso caso.

A primeira operação a ser realizada consiste em ler o texto para identificar seu tema, categoria responsável pela condensação semântica do texto ao seu nível hierárquico mais geral. Sem a determinação do tema, a compreensão do texto fica prejudicada. A operação seguinte, a identificação da informação, deverá ser realizada a partir do reconhecimento da superestrutura textual. As categorias da superestrutura permitem discriminar as informações segundo a sua função no texto que podem, desse modo, ser hierarquizadas. O terceiro passo consiste em selecionar as informações consideradas pertinentes para o tipo de produto que se quer elaborar.

No caso do resumo informativo, a leitura procurará contemplar todas as categorias da superestrutura e condensá-las; já no caso do **resumo indicativo**, o analista deverá deter-se de modo específico nos segmentos textuais pertinentes a esse tipo de representação documentária, conforme esquema abaixo. A primeira coluna da esquerda refere-se à superestrutura textual e, as demais, aos tipos de informações documentárias. A produção de cada uma delas faz-se com base na seleção e combinação de categorias específicas da superestrutura. As zonas sombreadas indicam as categorias a serem privilegiadas em cada caso.

Texto Tipo 1	Resumo Informativo	Resumo Indicativo
Tema		
Problema		
Hipóteses		
Metodologia		
Resultados		
Conclusão		

Texto Tipo 2	Resumo Informativo	Resumo Indicativo
Tema		
Tese		
Argumentos		
Conclusão		

Texto Tipo 3	Resumo Informativo	Resumo Indicativo
Tema		
Problema		
Causas		
Solução		

A proposta aqui apresentada retoma os conceitos de texto, processamento de texto e de superestrutura textual desenvolvidos no âmbito das Ciências da Linguagem e da Psicolingüística, tornando-os operatórios para as finalidades da elaboração de resumos. As apropriações e reduções a que foram submetidos os conceitos poderão parecer abusivas para as áreas que os forneceram. É o risco inerente aos mecanismos de operacionalização de noções e de modelos.

A metodologia parte da hipótese de que o texto, por ser uma unidade de sentido logicamente estruturada e com redundância informacional, pode ser condensado sem que se descaracterize sua informação central. No entanto, a condensação pertinente requer procedimentos de coleta de dados subsidiados por mecanismos de **identificação da informação** e sua **integração em blocos**, categorizáveis segundo suas **funções** no texto.

Consideramos apenas três tipos de textos neste trabalho. Outras variantes - como os descritivos e narrativos - não foram aqui analisadas. Considerando-se que as formas de exposição do conhecimento tendem a seguir padrões estabelecidos pela prática social, sugere-se que cada área procure identificar as superestruturas textuais dominantes como uma das formas de aprimorar a elaboração de representações documentárias. A tipologização de textos não é, contudo, uma tarefa propriamente documentária. Cabe à Análise documentária apropriar-se das classificações propostas pela Lingüística do Texto e torná-las operatórias para os objetivos documentários.

Para finalizar, espera-se que a metodologia possa trazer proveito:

para os sistemas documentários - pela possibilidade de controlar e avaliar os processos de fabricação de informações documentárias, o que confere maior consistência aos seus produtos;

para os profissionais da informação (que lidam com a organização e representação de informações) - dada a possibilidade de explorar o texto de forma metódica, concentrando-se nos segmentos que possam de fato conter as informações centrais a serem retidas nos resumos;

para o usuário - que poderá terá acesso a informações com maior grau de confiabilidade, dada a pertinência das representações documentárias obtidas;

para o sistema de ensino - por possibilitar o aprimoramento das estratégias de ensino de análise documentária, já que são apresentados os aspectos teóricos e metodológicos das operações de condensação e de representação documentárias.

Esta proposta vem sendo submetida a testes sucessivos no âmbito da formação de profissionais da informação, como disciplina específica ou como módulo de disciplinas de metodologia do trabalho científico. Os resultados obtidos têm sido bastante satisfatórios. É necessário registrar, no entanto, que hipóteses de trabalho, quaisquer que sejam, devem ser sistematicamente avaliadas. Este ponto de vista contrapõe-se à visão dogmática que atribui neutralidade e perenidade às regras documentárias. O fazer documentário, por ser realizado sob restrições pragmáticas, requer contínua

avaliação. O aprimoramento desse fazer depende da substituição dos procedimentos que mostram ser obsoletos ou pouco rigorosos por outros construídos com base na teoria e na experimentação.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6028*. Resumos: procedimentos. Rio de Janeiro : ABNT, 1980.

2 ASTI-VERA. A. *Metodologia da pesquisa científica*. Porto Alegre : Globo, 1979.

3 BARTHES, R. *O grau zero da escritura*. São Paulo : Cultrix, 1971.

4 BUNGE, M. *La investigación científica*. Barcelona : Ariel, 1973.

5 CINTRA. Estratégias de leitura em documentação. In: SMIT, J. (coord). *Análise documentária*: a análise da síntese. Brasília : IBICT, 1987. p. 28-35.

6 CITELLI, Adilson O. *Linguagem e persuasão*. São Paulo : Atica, 1989.

7 DUCROT, O.; TODOROV, T. *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris : Seuil, 1972.

8 ERLICH, M.F., CHARLES, A. TARDIEU, H. La superstructure des textes expositifs est-elle prise en charge lors de la seléction des informations importantes? In: CHAROLLES, M., PETITJEAN, A. *Le résumé de texte*: aspects linguistiques, sémiotiques, psycholinguistiques et automatiques. Paris : Klincksieck, 1991. p. 183-202.

9 GARDIN. *La logique du plausible: essais d'épistemologie pratique*. Paris : Maison des Sciences de l'Homme, 1987.

10 INIS. *Instructions for submitting abstracts* (AIEA-INIS-4). Viena : IAEA, 1971.

11 ISO 214. *Documentation: Abstracts for Publication and Documentation*. Geneve : ISO, 1976.

12 ISO 5966. *Documentation*: Abstracts for Publication and Documentation**.** Geneve : ISO, 1982.

13 KOBASHI, N.Y. Análise documentária e tipologias discursivas. In: CUNHA, I.M.F. (org). *Análise documentária*: considerações teóricas e experimentações. São Paulo : FEBAB, 1989. p. 31-44.

14 KOBASHI, N.Y. *A elaboração de informações documentárias:* em busca de uma metodologia. São Paulo : ECA-USP, 1994. Tese.

15 LAKATOS, E.M. *Metodologia da pesquisa científica*. São Paulo : Atlas, 1982.

16 MOREIRO GONZÁLES, J.A. *Aplicación de las ciencias del texto al resumem documental*. Madrid : Universidad Carlos III, 1993.

17 OKASABE, H. *Argumentação e discurso político*. São Paulo : Kairós, 1979.

18 PINTO MOLINA, M. Documentary abstracting: toward a methodological model. *Journal of the American Society of Inofrmation Science,* v. 48, n. 3, p. 225-234, 1995.

19 VAN DIJK, T. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo : Contexto, 1992.

20 VAN DIJK, T; KINTSCH, W. *Strategies of discourse comprehension*. Orlando : Academic Press, 1983.

METHODOLOGICAL APPROACH TO DOCUMENTARY ABSTRACTING

A Documentary abstracting methological model is proposed. Based on discourse comprehension theories and Textual Linguistics this paper attempts to: a) discuss the nature of text summarizing

processes; b) present abstracting strategies that may be used by abstractors, publishers and other information professionals.

Key words: *Documentary abstracts. Text summarizing. Documentary analysis.*

Nair Yumiko Kobashi

Professora do Departamento de Bibloteconomia da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Universidade de São Paulo- Escola de Comunicações e Artes - ECA

Cidade Universitária

05508 São Paulo, SP